

Sobre a cientificidade do discurso psicanalítico: uma análise introdutória

*Ana Carolina Soliva Soria<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências – DFMC  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar  
E-mail: [anasoliva@ufscar.br](mailto:anasoliva@ufscar.br)

**Resumo:** O presente texto visa apresentar um estudo preliminar sobre a cientificidade do discurso psicanalítico.

Palavras-chave: Freud; linguagem; pulsão; ciência; interpretação.

**Abstract:** The present paper aims at presenting a preliminary study on scientificity of psychoanalytic discourse.

Key-Words: Freud; language; drive; science; interpretation

Em um texto publicado em 1925, intitulado *Apresentação autobiográfica*, Sigmund Freud escreve que um dos autores que o influenciaram na escolha pela medicina, ao lado de Goethe, foi Darwin, pois este, com sua doutrina recentemente desenvolvida naquela época, “prometia um extraordinário avanço na compreensão do universo”<sup>2</sup>. Em *Uma dificuldade da psicanálise*, Freud irá se colocar ao lado de Copérnico e Darwin no que tange ao deslocamento do homem de seu lugar privilegiado na natureza: o primeiro retirou o homem do centro do universo; o segundo, do centro da criação. Com ambos, à humanidade foi dado um papel secundário na natureza, ao lado de outros tantos objetos celestes ou de qualquer animal. Ao tirar a razão e a consciência do centro da alma humana, Freud também prometia um grande avanço na compreensão do universo – não de um universo fora de nós, mas do mais profundo de nosso ser. Freud trilhou um longo caminho nesse sentido: de médico pesquisador do laboratório de fisiologia de Brücke e do instituto de anatomia do cérebro de Meynert a discípulo de Charcot e adepto do hipnotismo até chegar ao método interpretativo e a tomar como objeto de investigação o inconsciente. Nesse percurso, não lhe faltaram opositores: sua presença foi recusada nos laboratórios em que pesquisava, suas conferências na sociedade de medicina eram mal vistas e foi levado a se retirar da vida acadêmica. Apesar disso, os resultados de sua investigação acabaram por falar mais alto. E Freud chegou a ter o seu lugar reconhecido ao lado de Copérnico e Darwin.

Um “opositor”, contudo, Freud não vencerá. E este lhe colocará dificuldades durante as décadas em que exerceu o seu trabalho com a psicanálise. É de se notar que esse “opponente” incansável é o mesmo descrito por Wallace na introdução à obra de Darwin, *A origem das espécies*, ao tratar das dificuldades que o investigador da natureza tem para descrever o seu objeto. Lemos nessa introdução:

---

<sup>2</sup> FREUD, *Presentación auto-biográfica*, AE, 19, p. 8.

A linguagem corporifica o conhecimento, e conhecimento é poder; mas a linguagem é notoriamente também um meio escorregadiço e traiçoeiro, sempre ameaçando significar mais, ou menos, ou simplesmente outra coisa que aquilo que estamos lutando para dizer.<sup>3</sup>

Se o cientista, como produtor de conhecimento, depende de maneira crucial da linguagem para expor o seu objeto de investigação, por outro lado, é justamente na exposição de sua compreensão do universo que ele trava uma de suas maiores batalhas, pois o meio para isso, isto é, a linguagem, lhe trai o tempo todo, jamais expressando adequadamente o seu objeto. E ao se tomar o inconsciente como objeto de investigação científico, o problema da linguagem como instrumento adequado para o tratamento analítico e para a exposição de seus resultados está mais do que posto para a psicanálise. Perguntamo-nos, então: sendo a linguagem dada no tempo, construída por processos secundários, tendo como pressuposto a consciência, como poderia apreender ou expressar o que escapa ao tempo, aos processos secundários e à consciência? Freud bem sabe que “a qualidade de ser ou não consciente é o único farol na escuridão da psicologia das profundezas”<sup>4</sup>. Mas como fazer com que essa luz tão tênue não destrua a verdade e a realidade de seu objeto de investigação? O inconsciente, tal como descrito por Freud, não se esgota no tornar-se consciente. É de sua natureza a obscuridade das profundezas. Como iluminá-lo sem perverter a sua natureza?

Freud não desconhece a dificuldade de expor o seu objeto de investigação e sabe que a linguagem não apreende diretamente o seu objeto. Encontramos diversas passagens em que o psicanalista expressa esse problema. Apenas para ilustrar alguns momentos em que ele formula de maneira bastante clara o problema da linguagem ao tratar de seu objeto de investigação: Em *Além do princípio do prazer*, Freud escreve que sua especulação sobre as pulsões de vida e de morte chega a processos estranhos e inimagináveis, e que isso se deve a que:

... nos vemos na necessidade de trabalhar com os termos científicos, isto é, com a linguagem figurada própria da psicologia (mais corretamente: da psicologia das profundezas). De outro modo, não poderíamos nem descrever os fenômenos correspondentes; mais ainda, nem sequer os teríamos percebido. É possível que os defeitos de nossa descrição desaparecessem se em lugar dos termos psicológicos pudéssemos usar já os fisiológicos ou químicos. Mas, na verdade, também estes pertencem a uma linguagem figurada, ainda que nos seja familiar há muito tempo, e seja, talvez, mais simples.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> WALLACE, Introduction. In: DARWIN, *The origin of species*, p. XV.

<sup>4</sup> FREUD, *Das Ich und das Es*, G.W., XIII, 244-245.

<sup>5</sup> FREUD, *Más allá del principio de prazer*, A.E., 18, p. 58.

No texto acima citado, Freud traça uma série de especulações que acabam por resultar nas concepções de pulsão de Vida e de Morte, ou ainda, de Eros e Tânetos. O que o psicanalista busca explorar nessa obra é o enigma da vida, mais especificamente, de como ela se dá no encontro de duas forças personificadas nas figuras de Eros e Tânetos. Em uma correspondência trocada com Einstein por ocasião da Segunda Guerra, publicada com o nome de *Por que a guerra?*, Freud escreve: “mas toda ciência natural não termina em uma espécie de mitologia? Para você, caminha-se na física hoje de outro modo?”<sup>6</sup> Em *Análise terminável e interminável*, Freud expõe que no momento em que o próprio material de tratamento científico se esgota, é preciso pedir auxílio a uma entidade mágica, que condensa em um só ato *especular, teorizar e fantasiar*, a saber: a *feiticeira metapsicologia*.

Se tomássemos o discurso psicanalítico como sendo o discurso da criação literária, personagens míticos, faustianos, poderiam ser evocados sem que se perdesse o sentido de seu trabalho. O problema que se coloca para a psicanálise é o de como evocar tais personagens fantásticos para apresentar conceitos que são *científicos*. Dito de outro modo, como o recurso à *mitologia*, à *especulação*, ao *fantasiar* pode ser compatível com a cientificidade do discurso psicanalítico?

\* \* \*

Se seguirmos os passos iniciais de Freud na construção do método de investigação do discurso de seus pacientes e de construção de seu próprio discurso sobre os processos psíquicos profundos, veremos que ele terá de ser ajustado ao seu objeto de investigação. Nos *Estudos sobre histeria*, ao adotar o hipnotismo como método de tratamento da histeria, Freud percebeu que a *narrativa* de um evento traumático poderia eliminar os sintomas que recaiam sobre seus pacientes. Essa eliminação era, contudo, passageira. A respeito de Anna O., lemos uma passagem bastante significativa a esse respeito:

No campo, onde não podia visitar a doente diariamente, o fato desenvolveu-se do seguinte modo: eu ia a noite, quando sabia que ela estaria em sua hipnose, e a livrava de toda provisão de fantasmas (*Phantasmen*) que ela havia acumulado desde a minha última visita. Isso tinha de dar-se por completo se se quisesse alcançar o bom resultado. Então ela ficava totalmente tranquila, no dia seguinte amável, dócil, aplicada, até mesmo serena; no segundo, cada vez mais caprichosa, teimosa, desagradável, o que, no terceiro, aumentava ainda mais.<sup>7</sup>

A hipnose produz um efeito catártico na paciente, mediante a reconstituição do evento traumático pelo discurso – produz uma limpeza da chaminé, para usarmos os termos de Anna

---

<sup>6</sup> FREUD, *Warum Krieg?* G.W. 16, p. 22.

<sup>7</sup> BREUER, *Studien über Hysterie*. G.W., Nachtragsband, p. 229.

O. Mas por outro lado, Freud não pode deixar de notar que esse método não produz efeitos terapêuticos duradouros – ou ainda, que não será plenamente adequado à natureza de seu objeto de investigação. A catarse produzida pela hipnose é comparada ao *trabalho das Danaides*, personagens mitológicas condenadas a encher eternamente um recipiente furado com água. A insuficiência da hipnose irá, ainda nos *Estudos sobre histeria*, ser apresentada por Freud e a técnica da mão sobre a testa virá substituí-la. Requer-se, a partir de então, que o paciente fale o que lhe vier à mente sem o efeito artificial da hipnose. A investigação anamnética (*anamnestischen Forschung*)<sup>8</sup> dos enfermos é exposta como o cerne da conquista científica e a reconstituição do passado pela fala entendida como um poderoso instrumento na cura das doenças anímicas. O passado reconstruído pela linguagem recebe, contudo, nessa época um valor efetivo. A teoria da sedução ganha formulação textual pouco tempo depois, e com ela, a sexualidade irromperia na infância por ocasião de um trauma imposto por um adulto perverso, sem evocar a reação defensiva do eu; na idade adulta, o evento infantil seria evocado por traços associativos de memória e ganharia significado desprazeroso para o eu devido à barreira moral imposta a ele pela educação.

Nessa época, faltava ainda para Freud a intelecção de que o discurso revela o nó inconsciente, mas não diretamente. É em 1897, em uma carta escrita ao seu amigo Fliess em 21 de setembro, que encontramos uma das primeiras formulações do caráter escorregadio e traiçoeiro do discurso. Nessa carta, Freud enumera quatro grupos de motivos que o levaram a rever seus antigos pressupostos: o primeiro de caráter prático, pois teve êxito apenas parcial em seus tratamentos; o segundo, um problema estatístico – a perversão contra crianças deve estar incomensuravelmente mais difundida do que a histeria, pois esta enfermidade pressupõe a existência daquela; em terceiro lugar, a compreensão de que “no inconsciente, não existe signo de realidade, de modo que não se consegue distinguir a verdade da ficção investida com afeto”; e, finalmente, a intelecção de que nas psicoses mais profundas a recordação inconsciente não abre caminho, de modo que o segredo das vivências infantis não transparece nem no delírio mais confuso”<sup>9</sup>.

Freud somente conseguirá levar a cabo a análise de seus pacientes, e também a sua própria, a partir de uma profunda revisão em sua teoria que tem nos pontos acima enumerados o seu ponto inicial de apoio. Desde então, não importará mais se a cena de sedução narrada em análise é efetiva, pois a atribuição do valor de verdade e efetividade existe apenas para a consciência. A fantasia sexual pode expressar uma cena inventada (sem realidade material) –

---

<sup>8</sup> FREUD, *Zur Ätiologie der Hysterie*. G.W., 1, p. 425.

<sup>9</sup> FREUD, *Carta 69*, datada de Viena, 21 de setembro de 1897, AE, I, 301-02.

que tem os pais como tema – sem deixar de expressar algo de real. Esta realidade não está, contudo, nos critérios de validade da consciência. O valor de realidade que se presta para medir as representações conscientes não pode ser estendido para as inconscientes. No inconsciente, não há a distinção entre a materialidade dos fatos e a ficção. Além disso, o inconsciente não se ilumina pela luz da consciência nem mesmo nos casos mais extremos de delírio. O discurso do enfermo terá de ser *interpretado* – e somente a interpretação revelará o seu verdadeiro sentido. A adequação e a subordinação da narrativa ao fato efetivo não serão mais postas em questão. Quanto ao objeto de investigação analítico: ele será volátil, fugidio, sempre expresso de maneira imprecisa, e, sobretudo, não estará submetido aos critérios de julgamento de realidade da consciência. Ao reconhecer que o inconsciente funciona segundo regras próprias, diferentes das da consciência, a elaboração teórica da psicanálise não poderá deixar de levar em conta esse problema. Como indicamos acima, a construção do saber psicanalítico não poderá contrariar a natureza de seu objeto de investigação. E dele participará a especulação, a construção, a interpretação, a ficção. No final de *A Interpretação dos sonhos*, Freud escreve que a investigação dos sonhos até então realizada por ele é insuficiente para nos levar para além de certas fronteiras: para desvendar a estrutura do psiquismo e as forças que nele atuam, o exame onírico não basta. É preciso “procurar outro ‘fundamento explicativo’, não disponível no ‘armazém’ científico. É necessário, portanto, inventar”<sup>10</sup>, isto é, formular, a partir de um material recém apresentado, um conjunto de suposições acerca de um saber inédito, aos moldes de um *como se fosse assim (als ob)*<sup>11</sup>. Ou ainda, é necessário interpretar os dados fornecidos pela análise dos sonhos, e a partir dela formular uma “ficção metapsicológica por excelência”<sup>12</sup> do aparelho psíquico.

Mas, se a teoria psicanalítica tem por base um evento fantasiado de um enfermo, como não perder o solo seguro da ciência? O que permite atribuir aos resultados de sua investigação o caráter de verdade? Como fazer com que a linguagem exponha, mesmo que indiretamente, algo que por sua natureza é arredo à linguagem? Podemos afirmar sem prejuízo algum que a certeza atribuída por Freud às suas construções teóricas não terão seus critérios de validade construídos fora da própria psicanálise. Ou melhor, não serão retirados de outras disciplinas – ao contrário, esses critérios terão de ser construídos a partir do interior da própria psicanálise.

---

<sup>10</sup> ASSOUN, *Metapsicologia freudiana*: uma introdução, p. 59. (Grifo do autor)

<sup>11</sup> Não podemos deixar de nos lembrar aqui da obra *A filosofia do como se (Die Philosophie des Als-ob)*, 1911), de Hans Vaihinger, combatida por Freud por ser uma das duas tentativas para fugir do problema da impossibilidade de provar a verdade das doutrinas religiosas (Cf. capítulo V de *O futuro de uma ilusão*, de 1927).

<sup>12</sup> ASSOUN, *Metapsicologia freudiana*: uma introdução, p. 59.

\* \* \*

Em seu artigo *O que é filosofia da psicanálise?*, Luiz Roberto Monzani escreve que o discurso de uma disciplina pode ser rotulado de científico quando está de acordo com um determinado critério de verdade, geralmente, mas não necessariamente, clássico. Contudo, ressalta o autor, esse procedimento é muito limitado, e “diferentes ciências, ou mesmo a mesma ciência em diferentes estágios, dificilmente se amoldam a esses critérios externos”<sup>13</sup>. As restrições a esse procedimento que toma uma ideia de verdade dada a partir de fora de uma determinada área do saber muitas vezes transforma o processo de validação em um procedimento artificial e estranho a partir do qual se julga. Esse é o caso do que acontece, ainda segundo Monzani, com a psicanálise, e as razões pelas quais ele aponta para isso são as seguintes:

Em primeiro lugar, porque é difícil dizer que a psicanálise é uma disciplina já constituída. De uma certa maneira, em segundo lugar, isso que eu estou afirmando a respeito da psicanálise, suspeito que seja válido para um bom número de disciplinas que enfaixamos sob a designação geral de ciências humanas. A ideia talvez mais correta seja a de que, na melhor das hipóteses, são disciplinas que estão se fazendo, e o resultado disso é muito difícil de se saber.<sup>14</sup>

O fato de as ciências humanas estarem em processo de formação, serem ainda inacabadas, impossibilita que a elas se aplique um critério único de verdade. Ora, diante dessa configuração ainda não sedimentada, não fixada das ciências que têm no homem a sua questão, perderiam as ciências humanas o estatuto de ciência? Tomemos o exemplo da psicanálise: nas palavras de Michel de Certeau em seu artigo *A ficção da história*:

Para falar do seu discurso, o próprio Freud diz: *Darstellung* (apresentação), *Konstruktion* ou *Rekonstruktion*, *Aufbau* (edifício), *Aufstellung* (tese). Para designar a lenda religiosa, ele emprega *Sage*, *Mythus* (mito), *Tradition*, *Dichtung* ou *fromme Dichtung* (poesia ou poesia piedosa), *Erfindung* (invenção), *Phantastisches* (fantasista), mas também *Darstellung* ou *Konstruktion*, quer dizer, as palavras que qualificam sua produção. Outros termos valem igualmente para seu “romance histórico” e para a tradição judaica: *Bericht* (relato), *Geschichte* (história), *Erzählung* (narrativa); eles dizem respeito à narratividade, tipo de discurso ambivalente que pode funcionar como “teoria” ou como “desmentido”.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> MONZANI, *O que é filosofia da psicanálise?* p. 13. O exemplo dado por Monzani é o de Bachelard, que mostrou a precariedade dos critérios externos para a validação de uma disciplina.

<sup>14</sup> MONZANI, *O que é filosofia da psicanálise?* p. 13. Grifo do autor.

<sup>15</sup> CERTEAU, *A ficção da história*. In: \_\_\_\_\_. *A escritura da história*, p. 338, n. 3. Ao lado dos termos citados, poderíamos acrescentar outro, muito utilizado nos textos freudianos para designar tanto a reconstrução da origem da história a partir dos vestígios do presente, quanto o melhor saber (*besten Wissen*) que caracteriza a psicanálise, nomeadamente: o conjecturar (*Vermuten*), em que se misturam os eventos que a história (*Geschichte*) nos ensina (*lehren*). Cf. FREUD, *Warum Krieg?* G.W. 16, p. 14 et seqs.

Como é possível aplicar um critério externo e fixo de validação dessa disciplina em movimento? Se a psicanálise é uma disciplina que está *se fazendo*, para usarmos a expressão de Monzani, e para isso faz recurso à *apresentação, construção, reconstrução, composição, invenção* etc., impor a ela um critério externo e fixo de validação pode nos ajudar muito pouco a compreender como Freud circunscreve a sua verdade. Em outro texto, também de autoria de Monzani, intitulado *Discurso filosófico e discurso psicanalítico*, publicado em *Filosofia da psicanálise*, o autor aponta três maneiras de se abordar o discurso das ciências humanas e em particular o da psicanálise. Os dois primeiros não se preocupam com a verdade ou falsidade do discurso, mas preparam o terreno para o terceiro, esse sim, que busca delimitar o regime de validação do discurso psicanalítico. O primeiro modo de se tomar o discurso da psicanálise é conferir a ele “o estatuto de um texto”<sup>16</sup>. Segundo Monzani, ao conferir à psicanálise esse estatuto, é possível tratar o *corpus* psicanalítico como uma “rede ou tecido de significações”, a partir dos quais é possível estabelecer o conjunto de genealogias conceituais que determinaram a constituição desse discurso. Pode-se, com isso, traçar grades conceituais que nos levam de Charcot a Freud, por exemplo, tendo em vista a ideia de “hipnose”. Uma segunda abordagem da psicanálise seria tomá-la como uma rede discursiva que pode ser investigada a partir do seu próprio interior: como Freud abandona, estreita ou alarga certos conceitos em sua teoria (tal como o complexo de Édipo ou a teoria da sedução). Nos primeiro e segundo modos de se abordar o discurso psicanalítico não há, como já dissemos, uma preocupação com a validação desse mesmo discurso. A pergunta pela verdade ou falsidade do discurso aparece apenas no terceiro tipo de leitura que, partindo da análise interna da psicanálise, visa “examinar e estabelecer o conjunto dos critérios próprios e específicos de validação da disciplina em questão e qual o critério e a ideia de verdade que daí brotam”<sup>17</sup>. Não se trata, nessa terceira maneira de se pensar o discurso da psicanálise, de impor a essa disciplina uma verdade a partir de fora. Procede-se, assim, de maneira oposta ao da conduta tradicional de validação. Nesse caso, “a pergunta que se coloca não é: a psicanálise é uma ciência? Mas essa outra: que tipo de cientificidade nos traz o discurso psicanalítico?”<sup>18</sup>. Não se toma, portanto, uma concepção pronta, fixa, unitária de ciência para aplicá-la à psicanálise (uma concepção predeterminada de ciência à qual a psicanálise deve se encaixar); trata-se, antes, de se perguntar pela contribuição que o discurso psicanalítico pode dar para sustentar a cientificidade que ele mesmo fundamenta. Dito de outro modo, a

---

<sup>16</sup> MONZANI, *Discurso filosófico e discurso psicanalítico*, p. 131.

<sup>17</sup> MONZANI, *Discurso filosófico e discurso psicanalítico*, p. 131.

<sup>18</sup> MONZANI, *Discurso filosófico e discurso psicanalítico*, p. 131.

cientificidade da psicanálise assenta-se sobre o próprio discurso que o funda, discurso esse que tem de trazer à luz as dificuldades que a própria linguagem lhe impõe para descrever os seus objetos de investigação.

## Bibliografia

ASSOUN, P.-L. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.

BIRMAN, J. *Freud e a interpretação psicanalítica: A construção da psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

CERTEAU, M. A ficção da história. In: \_\_\_\_\_. *A escritura da história*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DARWIN, C. *The origin of species*. Great Britain: Wordsworth Editions Limited, 1998.

FREUD, S. *Gesammelte Werke*. 18 Volumes. Frankfurt am Main: Fischer Taschenburch Verlag, 1999. (G.W.)

\_\_\_\_\_. *Obras Completas*. 24 Volumes. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2006. (A.E.)

MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

\_\_\_\_\_. O que é filosofia da psicanálise? *Philosophos*. Goiania, v. 13, n. 2, p. 11-19, jul./dez. 2008.

PRADO Jr., B. *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

RICOEUR, P. *De l'interprétation: essai sur Freud*. Paris : Éditions du Seuil, 1965.

SORIA, A. C. S. *Intepretação, sentido e jogo : um estudo sobre a concepção de fantasia em Sigmund Freud*. (Tese) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.